

KARDEC: Defensor do Espiritismo

Nosso objetivo não é remoer o passado infeliz, mas sim, pôr a descoberto para os espíritas de hoje, como Kardec é-nos modelo-defensor, a toda vez que o Espiritismo seja alvo de aleivosias, que infelizmente ainda ocorrem amiúde.

Será sempre útil conhecermos o acendrado amor que ele dedicou à Doutrina dos Espíritos e as lutas que teve que porfiar em sua defesa.

Seu exemplo não pode de maneira alguma deixar de ser seguido, sempre que idênticas ocasiões se nos apresentem. Esse é um dever e mesmo um compromisso a que não deveremos jamais recusar ou omitir...

A data de nascimento do Espiritismo é a mesma da de Allan Kardec: 18.Abril.1857. Certidão de ambos inexistem, em termos cartorários.

Com efeito, ninguém jamais encontrará nos registros cíveis da França o nome de Allan Kardec, e entretanto, esse personagem francês é bem conhecido pela História mundial...

Explica-se: em 03.Outubro.1804, na cidade de Lyon (França), nasceu Hippolyte Leon Denizard Rivail, descendente de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições. Ele se tornaria famoso pelos seus invulgares dotes morais e intelectuais, inteiramente voltados para a Educação, como professor e tradutor, além de autor de inúmeras obras pedagógicas, destinadas à instrução primária, secundária e até mesmo superior, algumas com aplicação até hoje na França.

Aos 50 anos de idade, o Professor Hippolyte era membro efetivo de 12 (doze) associações culturais francesas — *sociedades sábias*. Foi por essa época que teve a atenção voltada para os espetáculos públicos das chamadas “mesas girantes e dançantes” (mesas que se erguiam nos ares, desenhavam movimentos e respondiam, por pancadas, às perguntas dos circunstantes).

Tais espetáculos, então, eram verdadeira epidemia no mundo.

Investigando o insólito fenômeno, seu cérebro privilegiado detectou que só por forças desconhecidas aquilo poderia acontecer: forças pensantes...

Daí a atinar serem espíritos, que através de intermediação com encarnados “davam vida e inteligência” à matéria, foi uma brilhante dedução, tão desapercibida à maioria das pessoas, quanto simples, qual o “ovo de Colombo”.

Decidido a “pôr em pratos limpos” tais fenômenos, valendo-se do invulgar tirocínio que abrilhantava sua mente e trilhando metodologia científica, não tardou a comprovar que os chamados “mortos” viviam além-túmulo; e mais: que esses tais, em circunstâncias naturais, com intermediação de encarnados (médiuns), podiam dialogar com aqueles que ainda não tinham ido para o reino “das sombras”.

A esse intercâmbio entre o plano material e o espiritual, denominou *mediunidade*. Descobriu, logo, que “do lado de lá” não existiam apenas “sombras”, bem ao contrário: de lá promanavam muitas luzes, permanentemente, disponíveis àqueles que concedessem à razão uma chance de comprová-lo. Ele concedeu!

Num trabalho altamente didático, valendo-se de vários médiuns, desconhecidos entre si, formulou centenas de perguntas “aos mortos” e deles obteve resposta para todas, paralelas no conteúdo, consentâneas com a lógica.

Com impecável pedagogia garimpou esse farto material e catalogou-o em código, daí resultando as chamadas “obras básicas” (são cinco).

Não querendo comprometer a Doutrina dos Espíritos à sua já enaltecida carreira de homem público, houve por bem adotar o pseudônimo de Allan Kardec.

Porém, ali se inaugurava um ciclo de grandes dificuldades para ele e esposa...

Intolerância e perseguições [\[1\]](#)

Em todos campos da atividade humana, em todos os tempos, ideias novas sempre não

são aceitas “a priori”, senão sim, após duros embates daqueles que as formulam, ou após a Vida diplomá-las com o selo da Verdade.

O Espiritismo não ficou indene a tais investidas.

Mas, como não existe força no Universo superior à “força da Razão”, que será sempre vitoriosa nos embates contra aqueles que querem ter “razão à força”, também as multiplicadas críticas ao Espiritismo, eivadas de injúrias e controvérsias, não resistiram. Como jamais resistirão!

Allan Kardec codificou o Espiritismo e nele palmilhou por 12 anos.

Foram anos difíceis, de permanentes ataques à nova ordem filosófica, bem como a ele próprio,

“que não foi poupado, sequer, nos assuntos de sua vida pessoal, privada. Um escândalo que envolvesse dinheiro, riquezas, bem que serviria para ferir fundo os propósitos que o animavam, da implantação por tantos indesejada de uma Doutrina como a do Consolador prometido por Jesus. As acusações partiram de toda parte, de sacerdotes e de vários indivíduos e organizações (...) Houve até verdadeiros traidores, criaturas perturbadas e de intenções as mais sórdidas e torpes no movimento nascente, na própria Sociedade de Paris” .

Sentindo que o Alto o credenciara para tão glorioso cometimento, Kardec manteve-se intemorato, atento, “o capitão e o alferes”, como ele próprio o diria, uma vez, num desabafo.

Kardec rebateu às inúmeras ofensas ao Espiritismo (e a ele próprio), a todas, apelando sempre para o bom senso e para a lógica, clareando com o ensino dos Espíritos às mentes agressoras. Aqui, vamos elencar, com síntese, apenas alguns desagrvos, mostrando como a inteligência e evolução espiritual do Codificador tornaram-no inigualável defensor do Espiritismo.

- na Revista Espírita de Dezembro/1859, responde a um articulista que lançara o ridículo sobre a ação dos Espíritos que voluteavam mesas, sobre a “nova doutrina” (o Espiritismo), bem como e aos seus partidários dizendo-lhe:

* (...) parece que não amais as doutrinas; cada um com seu gosto; todo o mundo não gosta da mesma coisa: somente direi que não sei muito a qual papel intelectual o homem seria reduzido se, desde que está sobre a Terra, não tivesse doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirasse do estado passivo da brutalidade;

- ainda na mesma Revista, Kardec assim respondeu a um sacerdote que por volta de 1859, discorrendo sobre o Espiritismo dissera que há os que em nada creem:

* é prudente não nos pronunciarmos com muita leviandade a respeito de coisas que não conhecemos;

- na Revista Espírita de 1860, Kardec se expressou:

* deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das alusões ofensivas, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo (...) Estudai primeiro e veremos em seguida. Temos outras coisas a fazer do que falar àqueles que não querem ouvir;

- na Revista Espírita de Dezembro/1861, há a narração do tenebroso “Auto-de-fé de Barcelona”, (Espanha), pelo qual, em 9.Outubro.1861, justamente no local onde eram executados os criminosos condenados à pena de morte, a Inquisição espanhola, representada por um padre revestido dos trajes sacerdotais próprios para o ato, tendo numa das mãos uma cruz, e na outra uma tocha, queimou em praça pública centenas de livros espíritas, dentre os quais: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O que é o Espiritismo”, todos de Allan Kardec; coleções da “Revue Spiritualiste”, redigida por Piérat; “Fragmento de Sonata”, ditado pelo Espírito de Mozart ao médium Sr Bryon-Dorgeval; “Carta de um católico sobre o Espiritismo”, pelo Dr. Grand, antigo vice-cônsul de França; “História de Joana D’Arc”, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, de 14 anos de idade; e, por fim, “A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta”, do barão de Guldenstubbé.

O século não mais comportava aquela bizarra quão ridícula cena, mas a praça estava atravancada por multidão que a tudo assistia, espantada...

Para não nos alongarmos, apenas uma frase *ad hoc*, de Kardec:

** Se examinarmos este processo sob o ponto de vista de suas consequências, desde logo vemos que todos são unânimes em dizer que nada podia ter sido mais útil para o Espiritismo.*

E como foi! No mundo todo, mentes se agitaram e buscaram avidamente conhecer o conteúdo de tão “pernicioso material” destruído naquelas “chamas salvadoras”...

- na Revista Espírita de 1862, pp.179/183, num artigo intitulado “Eis como escrevem a história!, e subtítulo “Os milhões de Allan Kardec”, o mestre responde a um eclesiástico de grande cidade comercial (Lyon, provavelmente), o qual propalava existir uma fabulosa fortuna amealhada por Allan Kardec, mediante o Espiritismo. Chegava o padre V... ao disparate de dizer que Kardec pisava, em sua casa, os mais belos tapetes de Aubusson, tinha carruagem puxada por quatro cavalos e gastava principescamente em Paris. (...) Assoalhava o padre que toda a fortuna de Kardec lhe vinha da Inglaterra (?) e que ele vendia caro os manuscritos de suas obras, cobrando ainda, sobre elas, uma percentagem. E outras coisas mais, absurdas, verdadeiras sandices.

Respondendo à história ultra-leviana dos “milhões” registrou Kardec:

- carruagem de quatro cavalos: *minhas viagens, faço-as por trem;*

- vida principesca: (...) *minhas refeições são bem mais magras que a magra de certos dignitários da Igreja;*

- venda de seus manuscritos: *isto entra no domínio privado, onde não reconheço a quem quer que seja o direito de se imiscuir (...) se tivesse vendido meus manuscritos nada mais faria que usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto do seu trabalho: mas, não vendi nenhum: há mesmo os que dei pura e simplesmente no interesse da causa, e que vendem como querem sem que me caiba um soldo. Revela, ainda:*

** a primeira edição de “O Livro dos Espíritos” foi feita por minha conta e risco total, pois não encontrei editor que dela quisesse encarregar-se;*

- na Revista Espírita de Junho/1863 encontramos:

a. um padre considerando que “nada mais é abjeto, mais degradante, mais vazias de fundo e de atrativo na forma do que essas publicações (espíritas)”, logo bradando o padre:

“destruí-os, pois, com isso não perderei nada. Com o dinheiro que se

dispensa em Lyon por essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados, atravancados depois da invasão do Espiritismo”.

Em magistral resposta, eis Kardec, enérgico, mas pacificador:

** Lede, e se isto vos convém, retornais a nós; fazemos mais, dizemos: lede o pró e o contra e comparai. Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem amargor, porque não temos cóleras.*

b. texto de antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembleia Constituinte de 1848, que publicou em Argel uma brochura de calúnias, injúrias, invenções e ofensas pessoais, dirigidas ao Espiritismo e ao mestre lionês.

Sobre a Revista Espírita, assacou:

“existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de longe as lendas maravilhosas da antiguidade e da Idade Média”...

Procurava o difamador provar que a finalidade do Espiritismo era uma gigantesca especulação. Para tanto, alinhavou uma série de cálculos absurdos, de que resultaram, para Kardec, rendimentos fabulosos que “deixavam bem para trás os “milhões” com que certo padre de Lyon (item acima) generosamente o gratificara”.

Arrematou o indigitado oficial, expondo quantias absurdas coletadas por Kardec: “se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões que a renda (do proprietário da Revue e soberano pontífice) se avaliará, mas sim por bilhões”.

Sem se abalar, Kardec demonstra que do balanço anual da Sociedade de Paris, apenas restaram 429 fr. 40 cent, sendo que de tudo ali jamais fora cobrado algo a quem quer que fosse. E que, ao invés dos 3.000 membros, o número não chegava a 100, dos quais apenas alguns eram pagantes (voluntários); que o que ali se arrecadava era gerido por uma comissão de despesas, sem jamais qualquer valor passar pelas mãos do presidente (ele, Kardec);

- na Revista Espírita de Junho/1864 há a notícia de que a *Sagrada Congregação do Index*, da corte de Roma, voltara suas vistas às obras de Kardec, sobre Espiritismo.

Assinalou Kardec:

** se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo, sendo que essa medida da Igreja, uma das que já esperava, só traria bons efeitos, e, segundo notícias por ele recebidas, a maioria das livrarias se apressaram em dar maior evidência às obras proibidas;*

- na Revista Espírita de 1869, lendo num jornal a frase “Na França o ridículo sempre mata”, faz várias considerações a respeito e arremata:

** Na França, ridículo sempre mata o que é ridículo. Isto explica porque o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não matou;*

Há muito mais, porém o espaço e a própria valia não o aconselham.

— E também, apresentar outras diatribes... para quê?

Contudo, se algum pesquisador quiser inteirar-se das incontáveis atribuições por que passou Allan Kardec, sendo ferozmente atacado por todo tipo de calúnia, há mais notas na obra da Federação Espírita Brasileira citada na nota de rodapé deste capítulo (mas essa própria obra não se alonga em tais disparates).

Quem tiver o cuidado de percorrer a coleção da Revista Espírita se espantará, ante outros tantos absurdos e cruéis ataques desferidos contra Kardec, que a todos *ripostou* valente e doutrinariamente, esgrimindo sabedoria e amor, sobretudo.

A certa altura da sua vida, disse ele, na Revista Espírita de 1865, p. 163:

** (...) jamais pedi nada a ninguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um "ceitil sequer" veio prover minhas necessidades; numa palavra, não vivo "a expensas de ninguém", pois, quanto às quantias que voluntariamente me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito.*

(...) O Espiritismo foi a obra de minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe meu repouso, minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em caracteres irrecusáveis. Eu o fiz de "motu proprio", e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa, nem mais interessada do que eu, aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa.

NOTAS

1ª - Amelie Gabrielle Boudet (1795-1883), esposa de Kardec, nos 40 anos em que esteve com Kardec, e mesmo após a morte do marido, nos 14 anos em que esteve encarnada, prosseguiu corajosamente sustentando "a obra Espiritismo", em todas as frentes de trabalho, particularmente na publicação da *Revue Spirite*.

Nós, os espíritas do mundo todo, muito devemos a ela!

2ª - Apenas como breve registro, vejam a barbaridade perpetrada contra a viúva de Allan Kardec, já bem idosa: teve que enfrentar a tempestade de um processo contra a Revista Espírita, devido Pierre-Gaëtan Leymarie (editor das obras de Kardec) ter acolhido o trabalho de um fotógrafo, que dizia produzir fotografias transcendentais, ou seja, ao fotografar uma pessoa, parentes e amigos, desencarnados, do fotografado, apareciam na foto.

O fotógrafo fez um acordo com o juiz, assinou uma confissão de fraude, escapando assim da prisão. Leymarie, contudo, foi condenado e cumpriu um ano de prisão na Penitenciária de Paris.

Intimada como testemunha, a velha senhora foi desrespeitada pelo juiz, aviltando a memória de Allan Kardec, o que provocou viva reação da viúva do Codificador, exigindo respeito à memória de seu esposo.

Sendo o Espiritismo verdadeira bússola para nossas rotas e farol a dissipar as brumas dos nossos limites, lembrando das lutas íntimas e das defesas intransigentes daquele que o codificou, certamente nosso coração, de par com a mente, estará murmurando:

— Kardec, Kardec: Deus lhe pague!

Ribeirão Preto/SP – Outono/2005

Eurípedes Kühn

Thiesen, 1973, Ed. FEB, RJ/RJ.